

AGUSTINA BESSA LUÍS

João Décio

Agustina Bessa Luís é, indubitavelmente, uma das grandes expressões da moderna literatura portuguesa, pelos dons de romancista que vem cada vez mais aperfeiçoando. Iniciando-se no campo literário com **Mundo Fechado**, romance publicado em 1948, desde então vem crescendo vertiginosamente no campo da ficção literária. **Super-Homens** constitui seu segundo romance, datado de 1950, seguindo-se-lhe **Contos Impopulares**, **A Sibila**, a ver de muitos sua obra prima, **Os Incuráveis**, **A Muralha**, **O Susto**, **O Inseparável**, **Ternos Guerreiros** e **Embaixada a Calígula**.

Vocação inata de romancista de fôlego, profunda na análise, condensada na síntese, o fato é que sua obra não é nada fácil de ser abordada. Inicialmente o grande número de personagens, dificultando a percepção das ações num sentido detalhado; em segundo lugar a exageração na colocação dos detalhes, nada deixando escapar; em terceiro lugar, a profunda síntese, passível de ser compreendida apenas por aqueles que têm uma certa iniciação literária. Seus romances são pesados, sofridos, suas criaturas pertencem a um mundo à parte, etéreo, psicológico, fora do alcance comum. No entretanto, essa profunda penetração serve para trazer o que de mais recôndito vai na alma humana. Unindo uma visão cosmológica a uma participação do ser humano nela, Agustina Bessa Luís constrói as suas grandes sínteses humanas. Isto é mais ou menos comum em seus romances. Naturalmente que, o que faz sua obra expressiva é a conexão entre os detalhes exteriores e os interiores, entre a paisagem e a psicologia das personagens. Este poder de observação, aliás, não está só na obra de ficção, mas também nas suas observações de viagens, por exemplo em **Embaixada a Calígula**,

verdadeiro ensaio de interpretação psicológica dos costumes dos elementos do povo espanhol, italiano e francês.

Em primeiro lugar, Agustina Bessa Luís é uma romancista preocupada com o real, tanto referente ao elemento exterior como o interior. Esta exigência com o real, esta preocupação com os detalhes psicológicos ou com a paisagem exterior em seus mínimos detalhes tornam Agustina Bessa Luís uma romancista maciça, compacta, quase impenetrável. Temos então um amontoado de ações com um grande número de personagens que, a princípio parecem confundir o leitor não acostumado a este tipo de romance.

Tudo isto caracteriza um mundo diferente, que sentimos logo às primeiras páginas, mundo diferente e profundo em que as ações e reações das personagens são justificadas pela observação da alma em sua raiz primitiva, sugerindo-nos um estado de depressão, podendo-se citar por exemplo, as relações entre Domingos e Porfírio em **Ternos Guerreiros**, numa verdadeira situação de predestinação em relação às duas personagens.

Note-se ainda que no mundo romanesco de Agustina dominam as ações menos enobrecedoras da criatura humana, as relações entre as personagens são sofridas, dolorosas, como a relação entre o garoto Porfírio e sua irmã, Amina, em **Ternos Guerreiros**, onde se chega a uma atmosfera de sadismo entre os dois irmãos:

“Amina gostava de prolongar aquela tortura, e divertia-se a distinguir o medo e logo a dor naqueles gritos do rapaz. Eram, primeiro ordens, depois súplicas e queixas; ela não se importava, distraída já do sinistro lugar em que se encontrava; ouvia, atentamente, com uma delícia que lhe arrepiava as entranhas, a mudança daquele timbre de voz e, quase desejaria corresponder com uma fatalidade verdadeira a tão grande aflição.” (p. 110).

Aqui fazemos um parêntese na obra de Agustina: a ausência de grandes qualidades e a presença de graves defeitos nas personagens constituem algo de permanente, chegando mesmo às raias do patológico, bastando lembrar-se a figura de dé-

bil mental repugnante de Rafael em **Os Incuráveis**, e a do Infante em **Ternos Guerreiros**.

Ainda José Maria, de **O Susto**, Domingos de **Ternos Guerreiros** e Alberto Cales de **Os Incuráveis** têm muito de comum; primeiro por serem portadores de uma certa insegurança perante a vida; segundo, por esta mesma insegurança fazer com que passem por várias mulheres e não se sintam felizes; isto é, os três parecem estar a busca de algo que ainda não definiram bem, e, através desta busca incessante, vão amadurecendo. Os três terminam também melancolicamente na vida.

Quer dizer, estabelecendo-se um paralelo entre os romances, encontra-se uma série de pontos comuns: semelhanças nas personagens, semelhanças nas situações e mesmo na técnica narrativa, onde ao mesmo tempo que procura esmiuçar os elementos presentes a sua vista, Agustina Bessa Luís procura estabelecer certas sínteses, que constituem assim conclusões gerais sobre o comportamento humano.

Ainda, a riqueza nos detalhes, a observação em profundidade das pessoas e das coisas, o mergulhar verticalmente na criatura humana, constituem outros elementos paralelos nos romances de Agustina, numa tendência de, ao mesmo tempo, situar criaturas de um mundo burguês nas pequenas cidades do mesmo modo que criaturas humildes, em suas peculiaridades (a vila de Adriços em **O Susto**. a Beira em **Ternos Guerreiros**, o Douro em **Os Incuráveis**). Quer dizer, acompanhando a tendência dos modernos romancistas e contistas portugueses, Agustina se volta também para o estudo das criaturas das pequenas cidades e vilas de Portugal, procurando trazer a sua riqueza psicológica, suas credences, sua vida e mentalidade atrasada em geral.

Daí os tipos diferentes na obra de Agustina: o intelectual frustrado (José Maria em **O Susto**, Domingos em **Ternos Guerreiros**, Porfírio, caráter negativo ao extremo também deste romance, o desordenado Alberto Cales de **Os Incuráveis**). Quanto às personagens, Agustina parece ter uma obsessão por tôdas elas, daí a análise íntima e externa de cada uma que surge, daí um certo ar desordenado, à primeira vista, de seus romances.

A análise é tão profunda, tão arguta que vemos as ações humanas e o próprio elemento humano reduzidos sempre a um sentir negativista, pessimista da vida. Aliás, uma das sensações que nos fornece o romance de Agustina Bessa Luís é a da depressão diante da vida. A atomização do pensar e do sentir humano é de tal ordem que nos sentimos inquietos, intranquillos, depressivos, diante das ações de seu romance. Parece mesmo que o aprofundar na criatura (Agustina quer achar as raízes mesmas do comportamento humano, reduzindo tudo a uma sensação de vazio, de descrença na possibilidade de felicidade na vida). Daí a sensação do quase desumano que sentimos em Agustina, seja em **Ternos Guerreiros**, em **O Susto**, e particularmente em **Os Incuráveis**, onde a certa altura uma síntese esclarecedora do elemento humano:

“Porque, mais do que nunca advertia Maria, nós não somos a realização espontânea apenas duma época, não somos um nome, uma facies, uma identidade isolada dentro dos costumes, dum povo, duma rua com árvores de ambos os lados e bancos de pedra nos passeios e candeeiros públicos; não somos só uma etapa entre nascimento e morte, e a história desde recordação, o sedimento de todo o passado que se atualiza no nosso conhecimento, na nossa razão, na presença única se percorso. Somos também, acima de tudo, uma forma viva e comunicada do sangue, pensamento, ação dessa linha perecível e externa do homem. Em vão pousamos as mãos sobre os nossos olhos e ouvidos, e dizemos não assistir, não participar, não sermos responsáveis dum simples cortejo fúnebre, dessa fisionomia carregada e alvar que o segue, não acompanharmos nem a sua frieza, nem a sua dor, nem a fealdade desse corpo mutilado, nem o rasto pimpão dessas botas negras e que reluzem. De fato, nós estávamos lá; em consciência, até o fim do mundo, nós estávamos lá, recusando ou aceitando, negando três vèzes como Pedro e chorando a nossa cobardia, pactuando com o nosso não e o nosso sim.

Todos nos viram lá, não há trevas possíveis, em todos os crimes, em tôdas as redenções nós somos cúmplices, e aliados, e irmãos. Eis que tremendo, muitas vèzes forjamos um

Deus que nos substitua nessa tarefa sempre sem precedente que é estar vivo, contribuir com a nossa fôrça, a nossa vontade.

Mas, enquanto que o homem é tôda linha condutora do passado e só êle apenas êle, Deus é o tempo anônimo que se converterá a nós.” (p. 346, op. cit.).

Parece que Agustina Bessa Luís pretende esgotar tôdas as possibilidades na observação de elementos sociais e individuais a trazer o drama inquietante de alguma figura realmente bem tomada psicológicamente, a começar pelo intrincado, estranho mesmo Alberto Cales, prosseguindo com Petronila, José Antônio, Rafael, Gil, Maria, David e outros.

A impressão que se tem é que, as personagens traçadas importam menos que a Vida, a grande personagem de **Os Incuráveis**. Dentro de um sentido compacto de romance, não só no aspecto exterior, como principalmente na condensação dos dramas humanos. Obra estuante de Vida, **Os Incuráveis** constitui-se numa obra que deprime no primeiro contacto, tal o poder de penetração, a fixação dos detalhes, e particularmente o processo de síntese encontrado nas inúmeras superabundantes divagações.

“Mas Filinto é mais que isso — é um homem tímido. A timidez é marca das personalidades difíceis, sejam triunfadores que vivem mergulhados numa senda profunda de projetos, sonhos, orgulhos combativos e tenazes, ou dêsses mimosos sêres que escondem, sob a manga medieval dum anjo de Chartres, um pequeno Calígula pronto a violar e a nomear senador o seu cavalo. A timidez é um quisto da alma — não é uma virtude, não é senão uma característica irregular dum espírito demasiado vinculado a si próprio, pelo seu contraste de fraqueza e ousadia, pela sua consciência viva de ambas as coisas, enfim, pela sua luta com o exterior”. (p. 425).

Neste processo de divagação, está sempre a romancista a explicar, primeiramente as suas personagens, em segundo lugar, alguns aspectos de validade geral nas mesmas personagens. Isto é, a artista caminha do particular para o geral.

Quer dizer, a autora está cercando a sua narrativa com uma série grande de intervenções, às vezes em processo de autocrítica, em relação às figuras da obra, outras numa verdadeira erudição, não raro encontrável na obra.

“Maria simulava apreciar aquilo, mas na verdade, que poderiam interessar-lhe as peripécias forjadas aos solavancos daquele menino gordo tão depurado de humanidade, de genuína fantasia e cuja graça era um pouco como a “dobrada frita” de Fernando Pessoa — uma coisa que se olha e não apetece e se prefere pagar depressa e sair depressa para a rua, para não explicar porque se não comeu!” (p. 258).

Processo de erudição encontrado também mais adiante:

“Já não era o tempo do cotilon, das peçazinhas de Dantas; Maria assistira a recitais de canto, quadros de revistas com indumentárias de papel, uma para mais informado de coreografia dançava uma rumba floreada, e o bolero de Ravel também servia para o modesto espadanar de folhos negros e vermelhos de tôdas meninas da colônia.” (p. 396).

A erudição eleva os temas comuns do romance a uma atitude culturalista e **Os Incuráveis** ressuma mesmo tal posição perante a vida, a qual chega mesmo a cerebral, fazendo lembrar neste sentido a poesia de Fernando Pessoa, de quem Agustina Bessa Luís seria um êmulo na prosa.

Realmente, neste romance, a autora alia a percepção do detalhe exterior de um Eça de Queirós (embora em sentido bem mais profundo), ao cerebralismo (permitam-me o neologismo) poético de um Fernando Pessoa.

E é talvez por isso, aliado primeiramente a uma visão exaustiva da vida, que Agustina Bessa Luís consegue nos convencer com êste seu trabalho.

Dissemos que a própria Vida parece parecer viver nas personagens de **Os Incuráveis**, e ela adquire aqui, uma tendência de buscar o grotesco, o inusitado, o patológico, aliás campo preferido de Agustina Bessa Luís, bastando lembrar o Infante de **Ternos Guerreiros** e aqui, as figuras de Honorato e David.

“Ele acabou num carnaval; julgou-se atacado de uma simples cólica, sentia nas mãos um formigueiro que o obrigava a

movê-las para que não se entorpecessem; mas dois dias depois os dedos rebentaram-lhe, deixando sair um líquido escorrido e sujo, êle alarmou-se então. Viveu ainda bastante tempo, tinha as mão se as pernas entrepadas com gases que se colavam na pele; para as mudar, era preciso arrancar-lhas, ficava a descoberto uma chaga morta, nauseabunda, com rebordos esponjosos e que enegreciam.” (p. 404).

Aliás, não só no aspecto patológico; em todos outros sentidos o romance ressuma uma atmosfera sofrida, onde as personagens parecem diluir-se naturalmente. O destino para as criaturas de **Os Incuráveis** é sempre melancólico como a traduzir uma certa amargura não em viver a vida, mas ter de suportá-la. Desde a análise psicológica das personagens percebemos êste tom amargo, desalentador das criaturas, aliás permanente na obra.

“De resto David vivia quase inteiramente subordinado ao belo, ao bom gôsto e à estética, como um perfeito decadente que era; a moral era ainda para êle uma forma de cooperar com a harmonia que, um pouco cobardemente, queria acreditar imposição milenária irremovível, o que no fundo lhe dava uma espécie de esgurança. Porque êle muitas vêzes contradizia a moral não pela vocação íntima de buscar uma mais feliz adaptação da verdade, mas porque um pequeno caos de superfície, que não transcende o mundo do paradoxo e do sorriso o tentava como um diabo criança que tem chifres mas não arremete, que se chama Lúcifer mas não tem planos de Satanás. Isto era David.” (p. 325).

Êsse estudo psicológico, não raro um pouco enfático demais, torna por vêzes a obra cansativa, fazendo o leitor menos atento, perder o fio normal das ações, quer dizer, esta visão mais total dos problemas humanos e o exagerado sintetismo não raro fazem esquecer essa unidade, que na verdade existe no romance. O que ocorre é que a atenção de Agustina Bessa Luís é multifacetada; ela está voltada para o cosmos em sentido total, daí esta contenção a tornar o romance compacto aparentemente desigual e dispersivo. Esta impressão desfaz-se, contudo, à medida que se caminha dentro da obra.

Esta aparente desordenação é conferida à obra, também pelo ar de fantasia, de irrealidade, de surrealismo, a fazer-nos pensar que as criaturas não subsistem como figuras humanas mas antes como símbolos de comportamentos humanos. Dai esta sensação do leitor: as criaturas não parecem humanas por serem arraigada, vincadamente humanas. E' a profunda penetração no real psicológico e exterior que Agustina nos dá a impressão de que mundo vivencial não existe justamente por ser muito vivido.

A mesma impressão nos causa **O Susto**, embora aqui o número de ações seja bem menor e haja destaque evidente para uma personagem, José Maria, que busca a felicidade através de falsos valores.

Passemos a algumas considerações acêrca dêste romance, que embora não seja dos mais expressivos respira uma igual atmosfera de vida de outros romances de Agustina Bessa Luís.

A história traz como elemento fundamental o triângulo amoroso, estabelecido por José Maria, Cipriano e Angélica, três tipos característicos do romance de Agustina Bessa Luís. O primeiro, um poeta preocupado mais com problemas intelectuais do que com aqueles relativos às coisas comuns da vida; Cipriano um conquistador de mocinhas, que será aperfeiçoado até dar o Porfírio de **Ternos Guerreiros**; Angélica, uma criatura que luta contra uma série de problemas morais e físicos, cedendo na vida ao trair José Maria.

O romance, assim, é pôsto em têrmos de contacto com a vida, naquilo que ela oferece de mais trágico, o rebaixamento do homem, no sentido moral; José Maria, impossibilitado de amar, homem de letras que é, preocupado com sua carreira; Cipriano, figura vulgar, acaba caindo nas graças de Angélica, vindo a trair o irmão; tudo isto nos faz ver que estamos diante de criaturas para as quais existem muitos falsos valores. O drama se desenvolve ao mesmo tempo que se processam observações de aspectos sociais de Adriço,s atrasada vila de Portugal. Agustina Bessa Luís procura captar muita coisa do elemento paisagístico, social e humano, ao mesmo tempo que se ocupa do

drama moral e sentimental das três personagens, num verdadeiro processo de tomada total da paisagem, condicionando-a em todos seus aspectos: interiores e exteriores.

O resultado do triângulo, como não poderia deixar de ser, é desastroso, terminando com a morte de Angélica, solução natural e amarga, quando nenhum dos três poderia ser feliz, postas as coisas em confronto; mesmo após a morte de Angélica, a vida continua sempre naquele ambiente de melancolia, de vida ainda a realizar-se.

A obra nos oferece uma Agustina Bessa Luís, curiosa na apresentação da paisagem que a cerca, isto é, tanto quanto possível o elemento exterior apresenta-se profundamente ligado aos dramas que correm em Adriços, vila cheia de credices e superstições, que vão explicar algumas ações e reações das personagens.

E na ânsia de síntese, Agustina Bessa Luís nos traz, volta e meia, algumas divagações, que dizem do seu poder de encontrar o universal no particular. Algumas delas são bem expressivas.

“O amor não tem nome. E’ como um fruto, como um sabor em que não há semelhante, nem recordação; o amor é a pedra em que nos tornamos, de a olhar, é o amigo em que padecemos sem sentir nunca uma razão, nunca vontade.” (p. 205).

A vila de Adriços fornece uma série imensa de oportunidades para uma análise social em profundidade.

Assim, surgem suas personagens: Gaspar, homem atrasado, ignorante totalmente, a criar mēzinhas para cura de doenças; no fundo é um desgraçado; Belina, uma criatura fraca que dificilmente conseguiu viver; constitui uma espécie de diversificação no ambiente geral: era bela e casta, mas mesmo assim foi atacada moralmente pelas mulheres atrasadas da vila, que não compreendiam certas belezas da vida. Vasco, rapaz doente, constitui o símbolo de como o homem pode chegar em uma vila atrasada como a de Adriços, e vem a morrer no esplendor da vida.

Leonor, por outro lado, se nos revela uma criatura grácil, volátil, melíflua, que por isso mesmo consegue interessar e fa-

zer sofrer nosso herói, José Maria; o esquivar-se de Leonor implicava em um aumento cada vez maior da paixão do rapaz, pois evidentemente a coisa não passou disso. Niña Antónia foi outra mulher que enfeitiçou José Maria, que mais uma vez foi infeliz. Em Adriços um homem de letras estava fadado a tal.

Romance de problemas psicológicos, antes de tudo, onde as ações tendem sempre a denegrir o elemento humano, pois aqui, êle apresenta muito mais de vício que de virtudes (observe-se por exemplo, as figuras de Cipriano e Angélica), o fato é que a atrasada vila de Adriços nos aparece com o que tem de mais rebaixador na atitude humana: os comentários, os comadrismos, o preocupar-se com a vida alheia, próprio de quem não cuida da sua. Tudo isso, além do retrato melancólico na análise dos personagens, fazem de **O Susto**, um bem logrado romance, com ingredientes comuns à obra de Agustina Bessa Luís: a observação de aspectos gerais da criatura humana e consequente sintetização daquilo que apresenta de mais virtuoso e viciado, ademais da tomada do exterior com grande riqueza de detalhes. Agustina Bessa Luís sabe ver e trazer aquilo que vê. A vila de Adriços serve assim, de pano de fundo onde fervem aquêles elementos humanos, que a vida parece ter esquecido de vez.

Enquanto romance, contudo, **O Susto** é de longe superado por esta visão cósmica da vida, também de caráter mitológico, irreal e especialmente simbólico que é **Ternos Guerreiros**.

Isto dizemos porque a significação do romance, segundo entendemos, é de muito maior alcance do que a princípio possa parecer, visto ser o papel do romancista um catalizador da vida, acrescentando a esta o elemento fundamental da ficção. Quer dizer o romance transfigura a vida no que ela tem de aspecto exterior, reelaborando-a, através de elementos intelectivos, baseados na experiência e na observação dos fatos passados.

Em **Ternos Guerreiros**, a concepção de vida está baseada em uma visão total, exterior e interior, eis que, como obser-

vamos anteriormente, faz-se necessária uma interação dos dois elementos para a consecução de uma obra literária de méritos.

Assim é que à autora (romancista fecunda e em franca evolução), não falta a visão dos detalhes, naquilo que eles têm, às vészes, de aparentemente insignificante, até as construções das “sínteses”, no geral quase tôdas bem colocadas, embora em certas situações, um pouco enfáticas.

Pois bem, o romance moderno deve ser isto que realiza Agustina Bessa Luís, um perfeito entrosamento entre o objetivo e o introspectivo, o que pertence ao coletivo e o que é individual.

Em primeiro lugar, **Ternos Guerreiros** apresenta-se como um romance em que, a preocupação maior consiste em exteriorizar comportamentos humanos, desde as suas mais profundas raízes, para tentar explicar, justificando ou não (até o limite do possível), o Homem, seus atos e suas palavras. Torna-se assim a obra uma séria pesquisa da alma humana, dos seus meandros, dos seus segredos mais sutis.

Ainda, **Ternos Guerreiros** é um romance que nos traz a figura de marginais (em seu sentido menos depreciativo), criaturas para as quais a vida não tem significado, senão como expressão de certos instintos inferiores. Criaturas, na sua grande maioria, frustradas, como portadoras de uma impossibilidade de superarem-se a si mesmas.

Estamos, portanto, diante da vida como um processo de análise-síntese daquilo que as personagens têm de mais autêntico, de mais humano. Isto que afirmamos estende-se a tôdas as criaturas do romance.

Domingos, moço mal orientado materialmente e espiritualmente, traduz uma luta inglória e vã contra certos elementos sociais, dos quais não pode fugir, da família, das mulheres, dos amigos. Simboliza êle tôda uma série de tentativas inúteis para realizar-se plenamente e acaba falhando em tudo, nas letras, nos amôres enfim na busca de explicar-se a si e aos que o rodeiam e, apesar de tudo, é o que mais se conhece e o que mais sofre.

“Sabe como é: há sempre receio em agarrar a responsabilidade pelos chifres; nunca se declara o mal, diz-se em confiança. Uma pessoa vulgar é indiscreta, mas não denuncia nunca”. Eis o que em certa altura afirma Domingos. (p. 63).

E’ de um comportamento inconstante perante a vida, especialmente no que diz respeito às mulheres e isto explica-se até certo ponto pela infância miserável e triste por que passou, entrando em contacto com quase tudo.

“Vimos como êle guardava cuidadosamente os prospectos do circo e misturava aquêles rostos de equilibristas e dançarinas com as cenas da Bíblia, que lia à noite à beira de sua protetora.” (p. 45).

Enfim, todo êsse poder imaginativo vai funcionar num sentido de procurar sempre um nôvo caminho na vida, especialmente no aspecto do amor, em que Domingos nunca conseguirá realizar-se plenamente. Contudo, êle é uma criatura que procura desesperadamente compreender-se, mergulhado que está em constantes meditações, tentando achar a razão dos fatos que ocorrem com êle ao mesmo tempo que retira dêles a sua experiência.

Há uma fatalidade, por outro lado, que o prende a uma outra figura, Porfírio, criatura moralmente negativa, preocupada em viver mentalmente, situações que não tem capacidade de viver em realidade. No fundo é um fraco que precisa de um confidente, para nêle descarregar a sua consciência. Constitui um tipo marginal no que a marginalidade tem de mais reles e asqueroso e Domingos é seu confidente e deve ser destruído.

“Porfírio era um tipo menos nobre — entende-se aqui por nobre uma afirmação de elementos expurgados dos seus contrários ao ponto de constituírem o que se chama um estado puro — e, êle limitava-se a pequenas digressões hesitantes que levavam a essa insuficiência de espírito vulgarmente dita canalhice. Porém gostava de exprimir-se a respeito dos seus atos ou da tentação dêles, duma maneira faustosa e atrevida.” (p. 50).

Porfírio era dum tipo de degenerado mental, ao qual Domingos se ligaria para sempre, por uma fatalidade que os aproximava e que seria a libertação de Porfírio, a morte de Do-

mingos inconscientemente buscada por êle mesmo. Domingos é morto ao final, libertando-se também dos seus problemas.

Como vemos, o romance é todo repassado de uma atmosfera tensa, não só no referente às duas principais personagens, como as outras também, isto é, as personagens femininas. Amina é, talvez, a mais expressiva delas.

Aparentemente conformada com sua situação, Amina é, sem o saber, uma criatura marginal, a quem também faltou uma solução feliz para a vida, e seus problemas começaram já na infância quando maltratada pelo irmão, Porfírio, reagia contra êle, usando das mesmas armas.

A jovem, que em tôda sua infância fôra submetida a uma série de maldades, pelo irmão Porfírio, acaba usando dos mesmos ardis. E' também uma criatura desajustada, parte devido a um defeito físico, mas em maior proporção por traumas sofridos na infância. E' no fundo, também uma criatura revoltada contra uma situação por ela mesma criada, e frustrada dentro da família, particularmente em relação a seus problemas específicos de mulher.

Regina é outra figura feminina, do mesmo modo destorcida mentalmente e incapaz de se sentir e viver como mulher, pelo menos como o geral das mulheres. Não se sentia bem como mulher casada e por isso era incapaz de viver feliz com as pequenas grandes coisas do casamento, isto é, o lar, o filho, etc. Denota ainda em suas reações aspectos marcadamente neuróticos.

“Quando Regina ficou grávida, tornou-se tão complicada, que a vida para Domingos constituía um inferno. Ela não podia estar só e, quando isso acontecia, escondia-se nalgum lugar esconso até que, farto de a procurar, uma suspeita terrível fazia com que o marido se precipitasse para fora de casa e aparecesse, trêmulo, desesperado, por tôda a parte, na linha férrea ou pelos baldios desertos.” (p. 230).

Na verdade, trata-se de uma criatura mentalmente insana, especialmente por estas tentativas de torturas para com Domingos, seu marido. Neste particular ela se parece muito com Amina.

Outras personagens, Ruth, Matilda, Vicente Duarte, Maria Belém, complementam êste quadro de vidas desnorteadas e falhadas, com exceção de Yin, maravilhosa figura de mulher, além de mãe, que se salva do caos em que vivem todos.

Contudo, o que há de notável no romance é êste poder de sintetizar, tão raro nos romancistas e tão freqüente em **Ternos Guerreiros**.

“Os felizes não têm amigos — têm amôres sômente.” (p. 21). Ainda, em certa altura de um diálogo entre Domingos e Porfírio: “Pensamos sempre na morte daqueles em cujas mãos colocamos, por sublime tentação, a nossa própria consciência.” (p. 83).

Mas êste poder de síntese daquilo que vai nas profundezas da alma humana, encontramos naquele maravilhoso e impressivo monólogo de Domingos:

“Mas é sempre assim. Escondemo-nos atrás de nossos atos, mesmo os mais insignificantes, e por que? Não simplificamos nada assim; o que fazemos é juntar ressentimentos contra aquêles a quem logramos. Por que escondi eu uma coisa tão simples como esta de ter chegado um pouco antes? Todos os atos dos homens são um preparativo para destruir o seu semelhante.” (pp. 257-258).

Enfim, o mundo criado por Agustina Bessa Luís, neste romance, é o dos mais destorcidos sociais, dos alienados mentais, formando um verdadeiro mundo à margem, cuja riqueza só pode ser trazida por alguém capaz de sérias análises e sínteses, no caso Agustina Bessa Luís, e neste sentido a autora revolucionou o romance moderno português.

As criaturas, ao mesmo tempo que se entendem como fatalidade que são umas para as outras, sentem uma impossibilidade de se comunicarem, livre, espontânea, abertamente.

Assim, a raiz do romance de Agustina Bessa Luís, **Ternos Guerreiros**, encontra-se nas soluções sombrias para os problemas humanos, eis que as personagens em geral não solucionam seus problemas de modo coerente e normal. Tôdas vivem num terrível caos, do qual é praticamente impossível fugir, dentro de um fatalismo doloroso a pairar sôbre a vida.

Romance de inconformados, ou se quisermos de indiferentes, de criaturas para as quais a vida toma sentido errado ou mesmo não tem sentido, eis a significativa mensagem de **Ternos Guerreiros**, no qual o elemento essencial parece ser o seguinte: só a morte de alguns pode libertar outros (amarga solução para o problema do Homem).

Com esta obra, Agustina Bessa Luís atinge um plano bem elevado dentro de sua carreira de romancista, colocando-se na primeira linha dos modernos ficcionistas portugueses.

Passemos agora a algumas considerações quanto ao seu livro de viagens, **Embaixada a Calígula**.

A autora de **Ternos Guerreiros** e **Os Incuráveis**, apresenta-nos aqui um relato de viagens, crônicas deliciosíssimas acêrca dos costumes e da civilização em geral, das regiões da Espanha, França e Itália.

A obra, que traduz uma nova direção da romancista traz-nos aspectos da filosofia, dos fatos sociais e particularmente, das pessoas do povo, num processo de análise-síntese das características mais especiais das regiões e dos povos.

“Não é para o português coisa pouca passar fronteiras.” (p. 11).

Do mesmo modo, a psicologia das criaturas humanas nos é apresentada no que há de mais interêsse e a vibração artística nos mostra aquilo de mais vivo, individual e coletivamente, além do documento atual e histórico que o relato de **Embaixada a Calígula** nos oferece, intercalando a atualidade com a vivência de um fato histórico, acêrca de Fílon e o citado Calígula, observando de um ângulo totalmente diferente, narrativa que acaba sendo um pouco esquecida dada a atualidade e a viveza no relatar os assuntos interessantes das viagens, e as particularidades de cada recanto visitado.

Acêrca de cada região que percorre, Agustina Bessa Luís tece considerações preciosas muitas vêzes, traindo êste ar de erudição (não forçado, aliás), que torna as viagens sempre mais atraentes, visto que a autora pode falar com propriedade e profundidade daquilo julgado mais importante.

Basta observar, para isso, a análise dos contrastes entre a tradição, os elementos antigos das cidades da Espanha, França e Itália, para se sentir como Agustina Bessa Luís interpreta de maneira coerente, a realidade circundante.

Esta interpenetração da cultura da romancista e da tradicional cultura europeia, através de uma linguagem escorreita, em que não escasseiam as observações sóbrias e felizes de Agustina Bessa Luís, que sabe ver, sentir, e interpretar as paisagens e os problemas sociais, à sua observação direta, permite mesmo identificar a mulher escritora com aquilo que lhe é dado observar.

Também as figuras humanas aparecem como que transfiguradas, revividas pela clareza e especial humanidade com que a romancista de **A Sibila** as retrata (observe-se a análise dos tipos humanos em geral e dos intelectuais de *Encontro de Lourmarim* em particular). Sempre a mesma simpatia de Agustina Bessa Luís para os que a rodeiam.

Ainda mais, aquêlê relevado poder de observação de detalhes nos romances continua mais que presente, em **Embaxada a Calígula**, pois Agustina Bessa Luís, curiosa como intelectual, antes de sê-lo como mulher, não deixa escapar nada da paisagem circundante.

Cada cidade surge assim com seus aspectos mais impressionantes, suas tradições mais marcantes, ora os rios, ora os lagos, a igrejas, os monumentos, as pinturas, enfim, num verdadeiro processo de atualização, de revivência da Europa. Observa-se mesmo uma integração cultural de Agustina Bessa Luís, nas regiões por ela visitadas, daí resultar uma captação do real, daquilo que tem interesse específico. Um misto de antigüidade e atualidade impõe-se na obra, refinada aliás pela elaboração cultural dos elementos sociais e humanos.

Agustina Bessa Luís assim, com um grande poder pictórico revive Espanha, França e Itália, com tintas talvez um pouco difíceis de serem encontradas. Afinal, olhos de notável romancista, a quem nada escapa.

Mesmo a narrativa histórica apresenta muito mais de elemento humano, propriamente dito, que histórico, visto que as

figuras de Fílon e Calígula são interpretadas tendo em vista uma renovação que apresenta mais de análise psicológica que de outra coisa.

Enfim, a escritora portuguêsá consegue conduzir com equilíbrio a narrativa, dando brilho invulgar, tanto de interesse histórico como particularmente literário, neste relato de suas viagens.

Concluindo, Agustina Bessa Luís, muito em especial nas divagações, retira de cada região, aquilo que ela apresenta de positivo e negativo (nos aspectos tradicionais e atuais), numa larga visão de mulher que se transfere à coisa observada, incomum aliás na literatura de viagens, realizando um trabalho de grandes predicados. Uma romancista diferente dentro de uma tendência também diferente.

Constitui, portanto, uma experiência bem lograda, esta de Agustina Bessa Luís, no campo distinto do seu, e afinal sabe ela tirar proveito de seu poder de análise, de encontrar o universal no particular e disto resulta a grande vantagem das viagens.

Em conclusão, a obra de Agustina Bessa Luís se revela de grande importância na moderna literatura portuguêsá, e já está a exigir uma atenção mais demorada da crítica que, pelo menos no Brasil, muito pouco se tem preocupado com ela.

BIBLIOGRAFIA

- Os Incuráveis** — Lisboa, Guimarães Editôres, 1956, 479 pp.
O Susto — Lisboa, Guimarães Editôres, 1958, 330 pp.
Ternos Guerreiros — Lisboa, Guimarães Editôres, 1961, 443 pp.
Embaixada a Calígula — Pôrto, Livraria Bertrand, 1960, 330 pp.